



## A beleza que vela o feminino

**Maria Cristina Bion Cardoso**

Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: [cristinabion@terra.com.br](mailto:cristinabion@terra.com.br)

---

**Resumo:** Freud, referindo-se à mulher como "continente negro", se interroga: "O que quer uma mulher?" Lacan responde: "A mulher não existe", o que ele expressa no matema:  $S(\mathcal{A})$ . J.-A. Miller, ao comentar essa afirmação de Lacan, indica que ela é a "amiga do real". Essa pesquisa sobre "A beleza que vela o feminino", fundamentada na obra de Freud, no ensino de Lacan, de J.-A. Miller e em alguns textos de seus comentaristas, redundou na proposta de que há uma afinidade entre  $\mathcal{A}$  mulher e o atributo da beleza, ou seja, a beleza como um recurso para ser identificada ao falo, na tentativa de escamotear sua castração.

**Palavras-chave:** beleza; feminino; olhar.

---

## La beauté qui voile le féminin

Freud, en faisant référence à la femme en tant que "continent noir", s'interroge: "Qu'est-ce que veut une femme?". Lacan le répond: "La femme n'existe pas", ce qu'il a exprimé au mathème:  $S(\mathcal{A})$ . J.-A. Miller, en commentant cet énoncé, il indique qu'elle est l' "amie du réel". Cette recherche, sur "La beauté qui voile le féminin", basé sur le travail de Freud, de J.-A. Miller, ainsi que quelques de ses commentateurs, a abouti à la proposition selon laquelle il y a une affinité entre l' $\mathcal{A}$  femme et l'attribut de la beauté comme une ressource pour être identifiée au *phallus*, en essayant de cacher sa castration.

**Mots-clés:** beauté; féminin; regard.

---

## The beauty that guards the feminine

When Freud refers to the woman as "a black continent" he asks himself the following question: "What does a woman want?" To that, Lacan replies, "The woman does not exist", he expressed it in the matheme:  $S(\mathcal{A})$ . J-A Miller comments on this statement made by Lacan by indicating that she is the "friend of the real ". This research on "The beauty that guards the feminine", based on Freud's work, on Lacan's, on J.-A. Miller's, and on some texts by their reviewers ended up by proposing that there is an affinity between the  $\mathcal{A}$  woman and the attribute of beauty, which means beauty can be perceived as a resource to be identified with the phallus, in an attempt to conceal her castration.

**Keywords:** beauty; feminine; glance.

## **A beleza que vela o feminino**

*Maria Cristina Bion Cardoso*

O cenário contemporâneo da sociedade apresenta a existência de uma aliança voraz entre capital e ciência, que confabula com a pretensão de definir o que é uma mulher a partir de imperativos do discurso vigente sobre a beleza. Mesmo após um século de luta feminista e conquistas, dentre elas a inserção no mercado de trabalho, mulheres parecem ainda buscar responder à questão sobre o feminino através da beleza. Para atender aos padrões de beleza atuais, as mulheres lançam-se em busca dos diferentes métodos estéticos, os quais se modificam e se sofisticam muito rápido e constantemente. Posto que, o contínuo rearranjo entre aquilo que falta e que excede na feminilidade é vivido simbolicamente nos muitos procedimentos estéticos que sempre acrescentam ou retiram algo do corpo. Nessa linha metonímica, encontramos o mercado da beleza a serviço da produção incessante de objetos de gozo. Os *gadgets*, objetos condensadores de gozo, trazem a promessa de um gozo garantido e de um objeto sob medida que responda ao enigma da mulher.

Dois normas parecem dominar a galáxia feminina da beleza: o antipeso e o antienvelhecimento. A identidade do corpo das mulheres equivale à harmonia da tríade beleza/saúde/juventude. Influenciadas especialmente pela mídia, elas estão, cada vez mais, colocando-se a serviço de seus corpos, incitadas pelo imperativo que identifica beleza à juventude, assim como juventude à saúde. Resta-lhes, portanto, fazer qualquer tipo de concessão para alcançar essa finalidade norteada por um ideal impossível, uma demanda infinita de uma beleza total. Ainda que os padrões estéticos tenham se modificado nos últimos tempos, a luta para atingir o ideal de beleza é algo que tem marcado a relação da mulher com seu corpo.

Para Lipovetsky, "o que se manifesta através das práticas femininas da beleza ilustra, no fundo, o triunfo da razão prometeica, o impulso da cultura da eficácia e do controle" (Lipovetsky, 1997/2007, p. 142). Trata-se de permanecer jovem e esbelta para tornar-se dona e possuidora do corpo, trata-se de corrigir a obra da natureza, de vencer as devastações ocasionadas pela marcha do tempo e de substituir um corpo recebido por um corpo construído. Segundo este mesmo autor, a beleza feminina deve ser considerada um fenômeno histórico, uma instituição social "construída" cuja origem não remonta muito além da aurora dos tempos modernos. O estudo da pré-história e das sociedades selvagens mostra que o atributo do belo nunca ocupou uma posição privilegiada na mulher. Seu atributo era, sobretudo, a fecundidade e o poder superior de vida e de morte. A idolatria do 'belo sexo' é uma invenção da Renascença, de meados do século XIII, e seu valor apresentava dissonâncias no que se refere à diferença sexual. Para os homens, a imagem da virilidade não se dava em função da beleza, mas para as mulheres, "segundo sexo e belo sexo" era "a mesma coisa".

Até o fim do século XIX, a idolatria da beleza feminina se desenvolveu em um quadro social estreito dentro dos limites de um público elitista. Ao longo do século XX, o culto da beleza ganhou a

dimensão social inédita das massas. O desenvolvimento da cultura industrial e midiática permitiu o advento de uma nova fase mercantil e democrática da história da beleza feminina. Essa democratização não apenas se intensificou como também foi acompanhada por um deslocamento da prioridade que institui o primado da relação com o corpo. O corpo jovem é o que mobiliza cada vez mais as paixões e a energia das mulheres em busca de uma estética feminina. Nessa direção, o corpo é apresentado como uma máquina que deve sempre funcionar da forma mais perfeita. Exibindo como uma urgência feminina se desdobra simbolicamente no corpo.

É importante salientar que, para a psicanálise, o feminino diz respeito à impossível representação simbólica da experiência do sujeito no seu corpo. Tal experiência está diretamente relacionada com o que há de mais íntimo e estranho ao próprio sujeito, não podendo ser compartilhada. Trata-se da absoluta "extimidade" do objeto em relação ao sujeito. "Êxtimo" é um neologismo criado por Lacan no seminário sobre *A ética da psicanálise*, para definir "esse lugar central, essa exterioridade íntima, essa *extimidade*, que é a *Cóisa*" (1959-1960/2008, p. 169). Lacan vai resgatar "*das Ding*" no "Projeto para uma Psicologia Científica" (Freud, 1950/1895). Segundo Freud, a *Cóisa* é o elemento originalmente isolado pelo sujeito em sua experiência do "*Nebenmensch*", isto é, na estranha experiência do sujeito em relação ao seu próprio desejo. Segundo Jacques-Alain Miller, *das Ding* é a "fratura constitutiva da intimidade" (Miller, 2010, p. 17), uma vez que o falante tem dificuldade para aceitar a *extimidade* como algo seu, pois ela se revela como o elemento do real que traz consigo as marcas do horror. Para Lacan, é em torno "*das Ding*" como *Fremde*, estranho, e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, que se orienta todo o encaminhamento do sujeito ao mundo de seus desejos" (Lacan, 1959-1960/2008, p. 67).

Alguns anos depois, em *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (Lacan, 1968-1969/2008), Lacan retoma o neologismo *êxtimo* para falar do ponto vazio da estrutura. Ao situar o lugar do objeto *a*, ele nos diz: "ele está num lugar que podemos designar pelo termo *êxtimo*, conjugando o íntimo com a exterioridade radical. Ou seja, isso se dá na medida em que o objeto *a* é *êxtimo*" (Lacan, 1968-1969/2008, p. 241). Marco Antônio Coutinho Jorge (2000) nos ajuda a distinguir *das Ding* e o objeto *a*: *das Ding* é o objeto perdido da espécie humana, enquanto o objeto *a* é o objeto perdido da história do sujeito. Enquanto o primeiro está ligado à pré-história e, portanto, a um momento mítico, o segundo liga-se à história do sujeito. Para Marco Antônio, "trata-se sempre, nos reencontros com o objeto, da repetição de um *encontro faltoso com o real*, maneira pela qual Lacan define a função da *tiquê*, que vigora por trás do *autômaton* da cadeia simbólica" (Coutinho Jorge, 2000/2011, p. 142).

Partimos do ponto em que o olhar como objeto *a* obtura a falta central da castração. É o olhar que melhor elude a castração, pois deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência. Nas palavras de Lacan: "a relação do olhar com o que queremos ver é uma relação de

logro. O sujeito se apresenta como o que ele não é e o que se dá para ver não é o que ele quer ver” (Lacan, 1964/2008, p. 105).

O olhar em psicanálise se distingue radicalmente do conceito biológico da visão, na qual um objeto é integrado ao campo da função fisiológica da necessidade humana. Para a psicanálise, o olhar que incide sobre o sujeito, o olhar que o visa é um olhar invisível, inapreensível, pulsional, integrado ao campo do desejo inconsciente. Segundo Lacan, trata-se de uma “erotologia” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 24), ou seja, de uma experiência que tem a ver com o desejo do sujeito em relação àquilo que o causa. Se na visão trata-se de necessidade, no olhar trata-se da pulsão. Há, portanto, uma subversão do ver pela pulsão, nomeada por Freud (1905/2006, p. 183), em sua teoria da sexualidade, de pulsão escópica.

Freud, em 1905, se refere tanto à força da pulsão de ver, *Schautrieb*, quanto à sua vicissitude perversa, olhar e ser olhado. Nesse ponto é a *Schaulust* que se impõe. Porém, em 1915, no texto dedicado às pulsões que Freud depreende de uma lógica ternária a estrutura paradigmática da pulsão. Ele constrói essa lógica partindo do fato de que a pulsão é acéfala, ou seja, nela não existe sujeito, pois este foi reduzido ao objeto olhado, ao objeto que viabiliza satisfação, à *Schaulust*. A lógica ternária é descrita assim:

(a) O olhar como uma *atividade* dirigida ao objeto estranho. (b) O desistir do objeto e dirigir a pulsão escopofílica para uma parte do próprio corpo do sujeito; com isso, transformação no sentido de passividade e o estabelecimento de uma nova finalidade – a de ser olhado. (c) Introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele. (Freud, 1915/2006, pp. 134-135)

Lacan (1964/1996) trabalha a esquizo entre o olhar e a visão, o que lhe permite juntar a pulsão escópica à lista das pulsões proposta por Freud. Segundo Lacan, essa pulsão é a que alude mais completamente à castração, uma vez que o sujeito tenta se acomodar a esse olhar, tornando-se esse olhar. No nível escópico, a pulsão é certamente uma força constante, sem trégua, que promove um trajeto de ida e volta, conduzindo incessantemente o sujeito a buscar, no que se dá a ver, o que não pode ser visto, apesar dele próprio. O que permanece escondido naquilo que se olha é o próprio olhar.

A pulsão escópica também é muito relevante para a constituição do sujeito. Como já acentuamos, Lacan propõe que o sujeito é produzido a partir da própria dinâmica da linguagem que o aguarda. Ele é inscrito no lugar do Outro, surgindo da estrutura do significante através das operações de alienação e separação. O sujeito como um efeito da linguagem se aliena a um significante vindo do campo do Outro ( $S_1$ ), buscando aí uma representação que, pela sua impossibilidade, promove o deslizamento da cadeia significante na qual o sujeito cai entre os significantes. Sendo constituído pela linguagem, o sujeito do desejo, também chamado de sujeito

do inconsciente, emerge dividido (\$), porque se por um lado ele é representado por um significante no qual busca seu sentido, por outro ele se desvanece.

Lembramos aqui o aforismo de Lacan: "o desejo é desejo do Outro", ou seja, é como Outro que ele deseja. A pulsão escópica é, em especial, ligada ao desejo do Outro, diferentemente da pulsão oral e anal, que estão conectadas à demanda dirigida *ao* ou *pelo* Outro. O desejo do Outro é o desejo do corpo do Outro, do olhar do Outro – o olhar que o sujeito teria encontrado um dia, e logo perdido: o olhar da mãe. É essa falta que encontramos como causa do sujeito e do seu desejo. No âmbito da atividade da pulsão escópica há então o fazer-se ver pelo Outro. Ou seja, o sujeito se dá a ver, exhibe-se para o Outro. Como diz Lacan: "é de uma espécie de desejo *ao* Outro que se trata, na extremidade do qual está o *dar-a-ver*" (Lacan, 1964/2008, p. 115). Indo na direção do Outro para ser olhado, o sujeito acéfalo da pulsão desaparece para tornar-se objeto causa do desejo do Outro da pulsão escópica. Ao experimentar o gozo do olhar do Outro, o sujeito acéfalo da pulsão se constitui como sujeito desejante.

Vale destacar então a distinção entre o pudor e a vergonha, vicissitudes do objeto olhar articulado à beleza perante o real impossível. Freud já havia reparado que o pudor estava ligado ao falo, sobretudo nas mulheres. Ele vê no pudor um sinal da diferença dos sexos, pois na puberdade o pudor toma conta das moças. O pudor exagerado está ligado ao investimento libidinoso do clitóris, denunciando o gozo fálico. Ou seja, o pudor é o véu que vela e desvela a falta fálica. Ele vem no lugar do falo, tornando a mulher habilidosa na arte dos véus, da roupagem, do trançar e do tecer (Quinet, 2002/2004, p. 103). Eis o que Freud fala sobre a vergonha:

A vergonha, considerada uma característica feminina *par excellence*, contudo, mais do que se poderia supor, sendo uma questão de convenção, tem, assim, acreditamos como finalidade a ocultação da deficiência genital. Não nos estamos esquecendo de que, em época posterior, a vergonha assume outras funções. Parece que as mulheres fizeram poucas contribuições para as descobertas e invenções na história da civilização; no entanto, há uma técnica que podem ter inventado trançar e tecer. (Freud, 1933[1932]/2006, p. 131)

Na vergonha o véu se rasga, o olhar é desvendado e o falo surge. Daí o enrubescimento, estampa psicossomática de um gozo que mancha o corpo. A vergonha faz surgir no corpo uma mancha de gozo. A vergonha é o afeto correlato a um olhar que, emergindo do campo do Outro, visa o sujeito. Lacan esclarece: "de modo algum é um olhar visto, mas um olhar imaginado no campo do Outro" (Lacan, 1964/2008a, p. 87). O sinal da presença desse olhar que não se vê é o afeto da vergonha, que provoca no sujeito a política do avestruz – fechar os olhos para não ser visto (Lacan, 1964/2008b, p. 104). O pudor é, efetivamente, o véu usado pela mulher para se esconder de um provável olhar que poderia revelar sua falta.

O pudor, além de fálico, denuncia, sobretudo, a presença do objeto da pulsão escópica, o olhar. Ou seja, se o pudor veste e esconde é porque há um olhar no horizonte – ele é o afeto que denuncia a presença do objeto *a*. O olhar sobre o corpo desnudo da mulher vem como resposta à falta fálica quando o pudor enrubesce e a vergonha desponta, denotando a continuidade entre ambos.

Lembremos que Freud, diante do enigma do feminino, refere-se à mulher como “continente negro”, e se interroga: “O que quer uma mulher?”. Essa pergunta levou Freud a verificar nas mulheres uma forte relação com a falta que ele veio a denominar de *Penisneid*. Lacan, por sua vez, baseado em sua releitura da obra de Freud, adverte que nenhum sujeito escapa à lógica fálica, pois o falo, que é masculino, é o único representante do sexo no inconsciente. Mas, ele se questiona se “a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher” (Lacan, 1958/1998, p. 739), e, dessa forma, assevera que uma característica da sexualidade feminina reside no fato das mulheres não se inscreverem totalmente na ordem fálica. Posteriormente, ele formula que o feminino se refere ao “*nãotodo*” fálico, e responde à falta de um significante que possa dizer o que é a mulher, o que podemos ler como “A mulher não existe”.

Abordando essa questão, Miller (1992) refere-se à relação Outra das mulheres com a castração, pois a castração nelas é de origem. A expressão “amigas do real”, com a qual ele se refere às mulheres, indica que, em torno do significante imaginário do falo, a mulher está na posição do Outro, é a que não tem. Como nesse espaço falta uma indicação que permita uma definição, naturalmente lhe é imputada uma inconsistência cuja tradução lógica Lacan nos oferece com a fórmula da sexuação feminina, partindo da inexistência da exceção que asseguraria o conjunto das mulheres. Miller esclarece que dizer “A mulher não existe”, não significa que o lugar da mulher não exista, mas apenas que esse lugar permanece essencialmente vazio. E que o fato de estar vazio não impede que algo possa ser encontrado ali, especialmente porque esse espaço vazio pode ser velado, pois “ao velar também se cria, se faz nascer, se faz surgir. Seguindo as variações históricas do pudor, percebe-se que se trata de uma invenção que, de acordo com sua localização, dirige o olhar” (Miller, 1992/2010, p. 3).

Soler (2003/2006, p. 199) esclarece que o falo é o significante que determina como homens e mulheres se posicionam na relação entre os sexos, ou seja, “o semblante fálico é o significante-mestre da relação ao sexo”. É ele que organiza a diferença entre homens e mulheres, bem como suas relações. O homem subjetiva o sexo deste modo: “eu tenho o falo”, e a mulher o faz assim: “eu não o tenho”. Se a mulher não o possui, uma de suas saídas é fazer-se parecer “ser o falo”, que completaria seu parceiro castrado. Segundo a autora, Lacan chama a relação dos sexos de *comédia* justamente porque nessa relação estamos no âmbito do parecer, pois nem o homem tem o falo e nem a mulher o é. O que acontece é que o homem se protege da falta por meio do ter, já que ele tem no corpo o suporte imaginário do falo. A mulher, por sua vez, se protege escondendo a falta por meio de mascaradas, fazendo-se de falo, ou seja, sendo o que não tem. É precisamente o que

Lacan (1958/1996, p. 701) destacou por meio da mascarada: a mulher se apresenta como sendo aquilo que ela não tem, fazendo da feminilidade uma máscara fálica. Vale ressaltar, portanto, que 'feminilidade' não coincide com 'feminino'. A feminilidade como máscara opera encobrindo o que é da ordem do real, dessa ausência de significante, ou seja, do feminino servindo como defesa.

Brousse (2012) define o feminino como uma máscara detrás da qual não há nada, ou melhor, há um nada por trás dela. Assim, o lugar da mulher existe, mas permanece vazio. O sexo feminino só pode ser produzido enquanto ausência, enquanto corte diante do sexo masculino. A mascarada apenas se utiliza dos atributos fálicos, já que a única referência que uma mulher dispõe é o falo. Os objetos metonímicos do desejo que tocam o corpo se tornam insígnias e emblemas fálicos referidos a significantes e, por vezes, a fetiches que fazem existir a mascarada por si só. Diante da dificuldade de dizer precisamente o que é o feminino, o falo simbólico vela o lugar do vazio, evidenciado no feminino.

O tema "A beleza que vela o feminino" nos convoca a trabalhar: a beleza como ornamento, arma e cobertura, para abolir e/ou velar o lugar do feminino. Ou seja, o atributo da beleza como um recurso para ser identificada ao falo, na tentativa de escamotear sua castração. Trata-se, portanto, do "repúdio ao feminino" (Freud, 1937/2006, p. 268), isto é, de um recurso ao complexo de castração que representa nossa própria condição de sujeitos castrados, uma das fontes do mal-estar na civilização. Nada tão universal em psicanálise quanto 'somos todos castrados'. O tratamento dado a essa condição, no entanto, passa pela representação simbólica de cada época e pode se singularizar em cada sujeito. Essa conquista consiste em poder admitir a falta, a não completude, em se deparar com a castração e reconhecer nela um elemento estruturador do psiquismo e da cultura.

Coloco, por conseguinte, uma questão: A busca da beleza seria uma invenção diante da angústia do sujeito frente A Mulher que "não-existe", mas insiste? Sem dúvida, a busca da beleza representa uma, dentre outras tentativas, do sujeito inventar, criar sua ficção de feminilidade, contornando assim o enigma que o feminino implica.

### Referências Bibliográficas

- Brousse, M.-H. (2012, jun.). O que é uma mulher? *Latusa digital – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*, 9(49). Recuperado de [http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_49\\_a1.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_49_a1.pdf).
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).

- Freud, S. (2006). As pulsões e suas vicissitudes. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). A feminilidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2006) Análise terminável e interminável. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937).
- Coutinho Jorge, M. A. (2000). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1996). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1996) A significação do falo. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lipovetsky, G. (2012). *A terceira mulher*. Rio de Janeiro: Schwarcz.
- Miller, J.-A. (2010). Mulheres e semblantes II. *Opção lacaniana online nova série*, n. 1. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise. Recuperado de [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_1/Mulheres\\_e\\_semlantes\\_II.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf). (Trabalho original publicado em 1992).
- Miller, J.-A. (2010). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Quinet, A. (2004). *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 2002).
- Soler, C. (2003). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



**Citação/Citation:** Bion, C. (nov. 2016 a abr. 2017). A beleza que vela o feminino. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 12(23), 110-118. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n23p110-118.

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 13/01/2017 / 01/13/2017.

**Aceito/Accepted:** 05/02/2017 / 02/05/2017.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.